

## **A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA DA CATEGORIA DE PESSOA EM “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”<sup>1</sup>**

Bernardo Antonio VEZZARO  
Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** Essa pesquisa explora a necessidade de reconhecer, através da análise enunciativa, a marca de pessoa presente no “eu” (locutor), quando se dirige ao “tu” (leitor/interlocutor). Abordamos também o momento em que podemos identificar que o próprio leitor, representado pelo “tu”, passa a ser co-participante da construção dos efeitos de sentido pelo uso dessas marcas enunciativas no texto literário escolhido para o trabalho. Como objetivos procuramos mostrar como a análise enunciativa na perspectiva de Benveniste pode ser aplicada na leitura de uma obra literária e auxiliar para a identificação de algumas marcas da categoria de pessoa nesse gênero literário. A obra literária selecionada foi “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis (1839-1908) e retirados segmentos do trecho do livro compreendido entre os primeiros capítulos, em que ocorria a história da transição da morte para a vida do protagonista. Para embasamento científico de nosso trabalho tomamos a Teoria da Enunciação diante dos conceitos teóricos de Émile Benveniste. Nesse estudo procuramos reconhecer, em textos literários, alguns dos recursos enunciativos e a ocorrência dessas relações textuais para a organização do sentido, observando a presença da categoria de pessoa em uma obra da literatura brasileira.

**Palavras-chave:** Enunciação. Marca de pessoa e de não-pessoa. Literatura.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desmembrado da Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação Especialização em Língua Portuguesa, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Mestre Patrícia da Silva Valério, em maio de 2010.

## 1 INTRODUÇÃO

Escolhemos para trabalhar sobre a teoria da enunciação na obra de Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, porque além de ser um grande clássico da literatura brasileira é um romance “diferente”, é um romance que inicia com a morte do protagonista. Outro fator de motivação para trabalhar com esse corpus foi de que normalmente se buscaria um corpus não-literário para se estudar a Teoria da Enunciação, o que decidimos fazer diferente. Sabemos que esta obra já foi estudada por diversos teóricos e especialistas, mas acreditamos que ainda há muito a se descobrir.

Essa pesquisa explora a necessidade de reconhecer, através da análise enunciativa, a marca de pessoa como sujeito na utilização da língua, marca essa presente no “eu” (locutor), quando se dirige ao “tu” (leitor/interlocutor). Ou seja, momento também que podemos identificar que o próprio leitor, representado pelo “tu”, passa a ser co-participante da construção dos efeitos de sentido pelo uso dessas marcas enunciativas no texto literário. Ainda com esse estudo, podemos mostrar aos leitores, as marcas de pessoa encontradas em um texto literário, comprovando que nesses gêneros literários também há a ocorrência da enunciação.

Os principais objetivos desse trabalho são reconhecer o modo como a análise enunciativa na perspectiva de Benveniste pode ser aplicada para auxiliar a leitura de uma obra literária e propiciar a identificação de algumas marcas da categoria de pessoa encontradas nesse gênero literário; identificar as marcas dessas categorias em trechos da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis (1839-1908), quando da narrativa de sua morte; observar e investigar como se dá a construção de categoria de pessoa na referida obra machadiana e por final, também observar como ocorre a construção dos efeitos de sentido pelo uso das marcas enunciativas.

Iniciaremos nosso trabalho abordando uma pequena distinção entre Gênero Textual e Gênero Literário. A seguir faremos uma breve descrição sobre a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Na sequência, de modo especial, teremos uma breve explicação de alguns conceitos sobre a Análise

Enunciativa, na visão de Benveniste. No momento seguinte, será possível verificar e expor alguns recursos de enunciação encontrados na obra literária escolhida e em trechos selecionados e mostrar a ocorrência do uso da categoria de pessoa por parte do autor, para marcar os efeitos de sentido pelo uso dessas marcas pelo protagonista da história. Assim, entendemos que esse trabalho poderá possibilitar, ao investigador, um olhar diferente, mais aprofundado, sobre a Teoria da Enunciação à luz de Benveniste, estudada no decorrer do curso de Especialização.

## **2 GÊNERO TEXTUAL E GÊNERO LITERÁRIO**

Este capítulo tem o objetivo de trazer a diferença entre o gênero textual e o gênero literário para localizar o leitor dentro dessas duas construções de escrita frequentemente encontradas em nosso meio social e educativo. Faremos a ressalva para o gênero literário, explicando que foi o gênero escolhido para desenvolver nosso trabalho por propiciar um estudo sobre uma obra literária considerada “diferente”, pois, como já vimos, o narrador se autodenomina-se “defunto autor”.

Com esse objetivo passaremos para as tratativas do primeiro gênero a ser compreendido.

### **2.1 Gênero Textual**

Podemos iniciar dizendo que os gêneros textuais são de “difícil definição formal”, como diz Marcuschi (2005, p.20). Eles não se caracterizam formalmente, mas por aspectos sócio-comunicativos e funcionais. Atualmente o uso das novas tecnologias é que estão favorecendo o nascer de novos gêneros textuais em nossas comunicações cotidianas. O mesmo autor, também esclarece que como o rádio, a televisão, o jornal, a internet vão acolhendo gêneros novos, com suas características peculiares, como telemensagens, teleconferências, reportagens ao vivo, *e-mails*, *chats*, aulas virtuais, entre outras, sempre sendo recriadas através de outros gêneros. Ainda, não são

essas novas tecnologias que criam os novos gêneros textuais, e sim, o que acontece é o freqüente uso dessas tecnologias que acabam por inovar e se sobrepor as normas e formas habituais de comunicação. Assim, os gêneros vão sendo renovados, reinventados, reestruturados a cada momento na vida do ser humano. Faz parte do homem, relutar contra a inovação, contra o novo e o desconhecido, mas chega-se a um ponto da vida que se torna impossível ficar alheio a essas novas aparições tecnológicas, fazendo com que toda uma comunidade, toda uma sociedade e até uma cultura, seja alterada para o uso do “novo”, do “moderno”. Como exemplo disso, citamos apenas o uso do aparelho de telefone celular, mais especificamente no uso das mensagens de texto, as “sms”, que se tornaram costumeiras e práticas seus usos pelos jovens e atualmente por praticamente todos os usuários desses aparelhos. Esse é apenas um exemplo dos novos gêneros textuais. Conforme assegura Marcuschi (2005, p. 20): “Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes”. Perfeitamente, o uso das mensagens de texto “sms”, seria uma releitura e uma nova forma de utilização da tradicional “carta”, a correspondência pessoal, utilizada por muitos anos como a única forma de comunicação entre pessoas distantes, somente que agora, em uma forma, uma estrutura diferente, mas carregando o mesmo intuito de comunicação.

Para o mesmo autor (2005, p. 35): “Gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas”. Entendemos com isso, que a confirmação de um Gênero textual em uma sociedade se concretizará no momento em que um ato de comunicação entre os participantes de uma mesma língua, de um mesmo meio social, tiverem instituído em seus meios a prática de transmitir suas idéias e informações entendidas e reconhecidas por todos, não importando a forma utilizada. E concluímos que essas formas, esses gêneros escritos estão sendo recriados a todo o momento.

Dinamizado assim, o gênero textual, passamos para o literário.

## **2.2 Gênero Literário**

Muito se comenta em nossos dias sobre o que é literário e o que não é. Vários são os pesquisadores que ainda buscam uma definição clara e objetiva para essa questão, porém ainda estão atravancados pela completude desse terreno.

Também devemos expor aqui que cabe ao leitor apreender o que um texto está dizendo ou significando naquele momento, naquele ato de ler, já que sabemos que um texto literário tem muito a dizer para o leitor e sua completude ocorrerá com esse entrosamento entre obra e leitor. Assim aquele que melhor interagir e reconhecer os diferentes e diversos significados da obra poderá ter um aproveitamento melhor e mais sensível para a interpretação dessa literariedade.

Em nosso corpus de estudo, teremos como ancoragem do trabalho um texto literário e do gênero narrativo. Sobre gênero narrativo, Amaral (2000, p.24) diz que: “podemos definir a obra narrativa como o relato de um enredo imaginário ou não, situado num tempo e num lugar determinados, envolvendo uma ou mais personagens”. Então, nosso corpus possui um enredo imaginário e romântico, possuindo um tempo e lugar próprio: durante os primeiros capítulos do romance temos descrições de lugares e épocas, que dão referência para situar o leitor. Como exemplificamos com o trecho, em que o personagem narra o tempo e o local de sua morte, retirado da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1997, p.15): “expirei às duas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi”. E assim, encontramos em diversos momentos da narrativa romântica detalhes de tempo e lugares, que o autor explicita para o leitor.

Aproveitamos para complementar que conforme Faraco (2006, p.108), gênero significa gerar, produzir, criar, então entendemos que como tudo que é criado possui um objetivo, uma utilidade, aqui em nosso estudo, deduzimos que esse gerar, essa produção, esse criar, tem como interlocutor o próprio leitor que terá de gerar, produzir, criar um entendimento para o texto. Como diz ainda o mesmo autor (2006, p. 109): “na longa história da teoria dos Gêneros literários e retóricos, estes foram interpretados muito mais na perspectiva dos

produtos do que na dos processos”. Entendemos com isso que a preocupação dos estudiosos de antigamente era mais forte e direcionada às formalidades da estrutura do texto literário do que ao resultado dela. Assim, entendemos também, que o escritor deveria deter-se em uma estrutura pré-estabelecida pela estética clássica da época, e que até nossos dias esse modelo vem ocorrendo como norteador das obras, tendo como base de estrutura o espaço, o tempo e as personagens, como diz Faraco (2006, p. 109): “fizeram parte do processo de construção da estética romântica o questionamento do modelo do teatro clássico (o chamado modelo das três unidades: de espaço, tempo e personagem”. Essa mesma estrutura foi citada por Amaral em nossos trechos anteriores.

Como já reportamos, dependerá de o leitor reconhecer como ocorre a escrita e poder identificar a subjetividade existente no ato da leitura, pois sempre que alguém escreve estará produzindo para um público específico e direcionando seus recursos estilísticos para esse público.

Como vimos, o gênero literário está sempre em construção, em total mudança, acompanhando o “girar da vida”, portanto reportamo-nos a Faraco (2006, p.113) a partir de suas leituras de Bakhtin, que diz: “Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança; reiteração (à medida que aspectos da atividade recorrem) e abertura para o novo (à medida que aspectos da atividade mudam)”. Conclui-se então que o gênero literário se constrói conforme sofre alterações, isto é, está em continua mutação.

Sobre esse gênero podemos complementar com os dizeres de Amaral (2000, p.18): “a função de uma obra literária depende dos objetivos e das intenções do autor”. Entendemos que as intenções do autor podem ser motivadas pelo momento histórico, pelo momento social, vividos em determinada época.

Nessas acepções, passaremos agora para uma rápida exposição da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, utilizada aqui como corpus de nosso trabalho.

### **3 SOBRE A OBRA “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”**

Utilizamos então como corpus a obra escrita no ano de 1881, por Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas<sup>2</sup>”. A obra compõe o estilo do movimento Realista que teve início na França em 1857. No Brasil, o movimento Realista surge para combater as idéias românticas, a partir da segunda metade do século XIX (1850 – 1900).

Nesta obra, o narrador autodenomina-se “defunto autor” e a história desenrola-se narrando a vida adúltera de Virgília e Brás Cubas, tendo o defunto como o protagonista da história.

O personagem Brás Cubas foi um homem fracassado em vida. Nem mesmo a sua última tentativa de sucesso concretiza-se, que seria o invento de um emplasto para a cura da hipocondria, pois ele morre de pneumonia antes mesmo de patentear o seu invento.

A obra teve suma importância ao marcar um novo estilo para a literatura brasileira, reconhecido como revolucionário, para a época em que estava sendo escrito. O autor rompe a linha clássica que os livros incutiam até então e prega uma nova linha de escrita, mais realista com a vida social e com o momento político-social do Brasil, desligando-se da ordem canônica, costumeira que vinha acontecendo na literatura e provocando com isso uma reviravolta no estilo de leitura e escrita para aquele momento.

Os recursos utilizados em sua narrativa fazem com que o leitor mude sua postura de interpretação e condicionamento literário, provocando estranheza, surpresa e por final admiração em seus leitores.

Machado de Assis, no início de seu livro, faz uma previsão de que terá poucos leitores para a sua obra, mas na verdade ocorre o inverso e impressiona pelo contrário, pois é com o passar dos anos, que receberá o maior número de leitores e admiradores da sua obra, como reporta o escritor e jornalista Mário de Almeida Lima, “seus leitores, em verdade, estavam no futuro” (1997, p. 06).

Nesse estudo, selecionamos então alguns trechos da obra, “Memórias Póstuma de Brás Cubas”, com o objetivo de reconhecer o modo como a análise enunciativa, na perspectiva de Benveniste, pode ser aplicada para

---

<sup>2</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, 1839-1908. *Memórias Póstumas de Brás Cuba*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997. Todas as citações presentes no texto serão retiradas da obra em questão.

auxiliar na leitura; também com o objetivo de identificar as marcas dessas categorias nesses trechos, principalmente, quando ocorre a narrativa de sua morte; da mesma forma, observar e investigar como se dá a construção de categoria de pessoa na referida obra machadiana e por final, observar como ocorre a construção dos efeitos de sentido pelo uso das marcas enunciativas.

Mostraremos que ocorre uma co-participação do interlocutor (leitor), reconhecedor dos fatos subjetivos da narrativa ficcional, buscando a subtrair um entendimento semelhante com a que o enunciador (autor) tem intencionalmente na produção de sua obra.

Ressaltamos a importância de reconhecer, naquela qualidade de escrita formal, clássica e requintada de época, os principais recursos de subjetividade utilizados pelo autor e o possível significado literal de algumas palavras, que pelo menos parcialmente, estão fora do nosso contexto atual, pois hoje temos uma variação muito grande de escrita, seja pelo modernismo da escrita ou pelo advento da internet.

Deve-se reconhecer então a forma de linguagem daquela época para poder entender toda a completude dessa estrutura machadiana, no caso da obra de nosso estudo, que “começa pelo fim”, isto é, o narrador inicia a obra narrando a sua morte, diferentemente das histórias que estamos habituados a ler, em que, se há uma morte, essa acontecerá no final da obra.

Sobre os recursos estilísticos da obra de Machado, reportamo-nos aos estudos de Emília Amaral em “Português: novas palavras: literatura, gramática, redação”, confirmando que o autor utiliza a metalinguagem como um de seus recursos, se distanciando dos escritores de sua época, rompendo com todo o “tradicional” daquele momento literário que abarcava o País, passando em ser o diferente, mas um diferente em que Machado tinha pleno conhecimento e sabia que o que estava fazendo era intencional, como diz a autora Emília Amaral (2000, p.178): “metalinguagem, ironizando o leitor apressado e acostumado com a estrutura dos folhetins românticos: narração direta, regular e fluente”. Assim, a obra machadiana rompe com a narrativa romântica consolidada até aquele momento, reformulando e rumando para uma nova estrutura literária e agora realista, como comprovamos com o trecho da obra



estudada (1997, p. 15): “o escrito ficaria assim mais galante e mais novo”. Isso demonstra que Machado de Assis tinha a convicção de iniciar em um novo estilo de narrativa e sabia que estaria criando um novo mecanismo de narrativa, pois, como já comentamos, começaria pelo fim e não pelo início, como em outras obras de ficção, narrando a sua própria morte, como narrador autodiegético.

Após breve contextualização de autor e obra, antes de passarmos à análise dos trechos da obra machadiana, faremos, no próximo capítulo, um estudo sobre a Enunciação.

#### **4 ENUNCIÇÃO NA PERSPECTIVA DE BENVENISTE**

Neste capítulo iremos reportar alguns conceitos e sobre a teoria da enunciação tal como se apresenta para Benveniste. Trataremos, então, da enunciação na perspectiva de Émile Benveniste (1902 – 1976), que foi um linguista francês, muito conhecido por seus estudos sobre o uso da língua. Não podemos deixar de dizer que existem diversos e diferentes conceitos sobre os termos aqui trabalhados, porém neste estudo, reportamo-nos ao enfoque e à visão do autor Émile Benveniste.

O principal motivo para a escolha da linha de pesquisa de Benveniste para nosso trabalho foi por ele ser considerado um dos estudiosos mais importantes da enunciação, conforme Flores (2005, p. 29), o “principal representante do que se convencionou chamar de teoria da enunciação”.

Conforme alguns conceitos estudados desse autor, para a análise da enunciação, o importante é identificar as marcas do sujeito no enunciado, isto é, o sentido desse enunciado. Para Benveniste, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (FLORES apud BENVENISTE, 2005, p. 35). Desse modo, articulamos uma compreensão em que enunciar é manifestar-se através da língua em um determinado momento e único para um interlocutor. Pois aquilo que é dito em um momento não poderá ser mais recuperado.

Flores (2008, p. 49-50) reporta-se ao ato da linguagem tido como a própria linguagem em uso dentro do quadro da enunciação que é formado pelo eu-tu-aqui-agora, caracterizando pessoa, espaço e tempo e, serem eles, essenciais para a formação da enunciação. Praticamente, esse quadro da enunciação é o próprio ato da linguagem colocada em uso.

Na sequência trataremos sobre o uso dos pronomes pessoais “eu, tu e ele”, designando “quem fala”, “com quem se fala” e “de quem se fala”, respectivamente. Nos estudos de Benveniste, conforme escreve Flores (2008, p. 51), ele busca ancoragem na gramática árabe para propor a sua noção de “pessoa”, assim, eu é “aquele que fala”, tu é “aquele a quem nos dirigimos” e ele é “aquele que está ausente”.

Na visão de Flores (2008, p.78): “consideramos, pois, na Teoria da Enunciação de Benveniste, como pronomes pessoais somente as formas linguísticas *eu* e *tu*. *Ele* pertence à sintaxe da língua e é considerado como não-pessoa”. Dessa forma, já podemos notar que o pronome “ele” é sempre aquele que não está participando da enunciação, é o ser fora do diálogo, pois na enunciação, apenas participa o “eu” locutor e o “tu” interlocutor. Quando ocorre a enunciação, há a utilização da língua por um locutor, que é designado como “eu”, que se dirige para um interlocutor “tu”. Esse é o emprego da língua para a enunciação.

Então, as formas linguísticas que indicam a “pessoa” são os pronomes pessoais “eu” e “tu”. Esses pronomes estão presentes em praticamente todas as línguas. Comprovamos conforme diz Benveniste (1988, p. 287): “(...) entre os signos de uma língua, de qualquer tipo, época ou região que ela seja, não faltam jamais os ‘pronomes pessoais’. Uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível”. Assim, a marca de pessoa está fortemente presente na língua humana.

Benveniste vê que o discurso serve para a comunicação entre os seres humanos, uma interação entre um “eu” e um “tu”. O sujeito adquire a linguagem, se apropria da língua para falar, não a fabrica, a linguagem é inerente ao homem. E essa linguagem somente irá aparecer junto com o homem e será um instrumento de comunicação. Conforme o mesmo autor

(1988, p. 285): “Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”. Assim entendemos que a linguagem é intrínseca do homem, faz parte do aprender e do conhecer humano, sempre manifestando como o sujeito fala como ele se manifesta para o mundo e principalmente como ele interage com o mundo. Para Benveniste (1988, p. 286): “é na linguagem que o homem se constitui como sujeito”.

Entendemos que nas marcas de pessoa, o “eu” será aquele que está sempre se produzindo como sujeito, usando a língua, para se marcar na enunciação, naquele momento (o locutor), já o “tu” será apenas o interlocutor desse ato (será a pessoa ouvinte do “eu”). Quando o “tu” passa a ser o locutor do ato, nesse momento ele deixa de ser “tu” para ser “eu”.

Como características à categoria de pessoa, Benveniste atribui dois conceitos, como reporta Flores (2008, p. 52): “*unicidade: eu e tu são sempre únicos, se renovam a cada situação enunciativa*”, este como sendo o primeiro conceito a essa categoria de pessoa. Compreendemos que a língua está sendo aplicada unicamente naquele lugar e espaço de tempo, e por apenas um locutor. Quando ocorre a interrupção do ato da enunciação o eu e o tu deixam de existir, finalizando o enunciado. O segundo conceito para a característica de pessoa, conforme o mesmo autor (2008, p. 52) é a reversibilidade que: “aponta também para o fato de que a situação enunciativa é sempre outra, sempre nova”. Percebemos que esse conceito ocorre com a mudança entre o enunciador e o enunciatário, acontecendo a troca de posição entre ambos, o que era “eu” agora passa a ser “tu” com a progressão da enunciação, sendo uma nova relação de enunciação entre pessoa. Comprovamos com o dizer, ainda do mesmo autor (2008, p. 52): “se *tu* toma a palavra, já não é mais *tu*, e sim *eu*”. Concluimos que a enunciação “é sempre única”, o momento em que o “eu” e o “tu” manifestam-se é um ato estritamente fechado, pois pertence apenas àquele momento. Já a reversibilidade, comentada anteriormente, é a única que está sempre em construção. Mas nenhuma enunciação é repetível, o ato da enunciação é único, não se recupera jamais.

Concluída a explanação sobre a parte teórica de nosso trabalho, iniciaremos a seguir a análise dos trechos extraídos da obra machadiana selecionada para essa pesquisa.

## **5 ANÁLISE ENUNCIATIVA DE TRECHOS DA OBRA “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”**

Iniciamos o trabalho de análise de alguns trechos do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, tomando como base a Teoria da Enunciação, na perspectiva de Benveniste, citando alguns capítulos iniciais da obra machadiana, ou seja, nosso estudo selecionará trechos em que o narrador era “um defunto autor”, dessa forma não estudaremos os capítulos narrados após a transição “morte/vida” do narrador.

Dessa forma veremos então a importância de reconhecer a marca de pessoa como sujeito na utilização da língua. Demonstraremos que essa marca estará presente no “eu” (locutor), quando ele se dirige ao um “tu” (leitor/interlocutor). Identificaremos que o próprio leitor, representado pelo “tu”, passa a ser co-participante da construção dos efeitos de sentido pelo uso dessas marcas enunciativas no texto literário. Finalmente, poderemos mostrar aos leitores, que em gêneros literários também há a ocorrência da enunciação.

Estruturamos nosso trabalho em forma de segmentos, A, B e C, os quais são transcritos da obra para então produzirmos nossa análise enunciativa.

### **5.1 Segmento A**

#### Segmento A

(...) “A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituía-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou”. (p.19)

Neste segmento A o locutor, primeiramente, provoca o interlocutor a pensar como realmente é perigoso ter uma idéia fixa, já que não se faz ou não se pensa em outra coisa até não conseguir realizar o que está fixado na memória. Ter uma idéia fixa é mesmo que olhar para o horizonte e seguir em sua direção sem parar ou olhar para outro ponto. O que se deseja tem de ser alcançado não importando os demais fatores envolvidos. Podemos dizermos que o anseio por alguma coisa pode tomar conta de vários outros sentimentos do corpo humano, sobrepondo inclusive a necessidades básicas, por exemplo, quando uma criança está brincando e não deseja parar, não importa se está com fome ou com sede, apenas quer continuar brincando. No caso do locutor, ainda exemplifica dizendo que existem coisas doloridas na vida, como um argueiro (cisco) ou uma trave (pedaço de madeira) cravado no olho, mas mesmo assim o mais dolorido é ser dominado por uma idéia fixa, uma vontade incontrolável de realizar alguma coisa, que no caso do romance era a de concluir a fórmula do seu emplasto milagroso. Ainda para concretizar o mal que a idéia fixa causa, cita a morte de um conde italiano que perdeu a vida por ter participado do movimento pela unificação da Itália em 1852. Tentando provar ao interlocutor quanto é perigoso possuir uma idéia fixa.

Segundo, retoma novamente com o interlocutor a intertextualidade com o assunto religioso, o espiritual, invocando a Deus para livrar o leitor do pensamento estável, daquele pensamento fixo e prejudicial. Percebe-se aqui que o argumento utilizado como ideia fixa é tão danoso ao homem, que somente uma força espiritual muito forte poderá salvá-lo. E para esse salvamento não basta a força do homem é necessário uma força sobrenatural, nesse caso, somente a força de Deus poderá salvar a pessoa com pensamento fixo em alguma coisa.

Também notamos que o narrador deixa transparecer sua identidade como de uma pessoa coerente e ponderada com as situações da vida. Benveniste (1988, p. 287) diz que: “uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível”. Dessa forma, apenas nesse segmento já podemos notar que Machado de Assis, percorre esse caminho de expressão de pessoa, de identidade para seus personagens.

Nesse segmento encontramos as marcas de pessoa e de não-pessoa no enunciado, como podemos perceber quando o enunciador além de estabelecer o “eu” no discurso, presente no pronome “minha”, proporcionando uma idéia de posse, instaura também o “tu” no discurso, através dos elementos “te, leitor e vê”. Para essa conclusão basta basearmo-nos no enunciado, já que é ele que remete para a língua em ação, conforme diz Flores (2008, p. 52): “o ato que promove *eu* à existência, concomitantemente, promove à existência *tu*”, nesse caso o pronome “minha” concretiza pelo narrador, a marca de sujeito “locutor”. Ao mesmo tempo que, pelos elementos “te, leitor e vê”, instaura a marca de “tu”, aguardando a interação do interlocutor.

Dessa forma, identificamos algumas categorias de sujeito presentes na narrativa, já que o segmento escolhido sugere que o narrador, novamente e em praticamente todos os casos em nosso estudo, estará exercendo o papel do “eu”, do sujeito que fala e o leitor a função do “tu”, sendo a essa a pessoa, como aquele a quem o “eu” se dirige para falar. Conforme Benveniste (1988, p. 286): “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*”. Assim, toda vez que o enunciador apresenta-se como um “eu” é porque está conduzindo a linguagem para um “tu”, para um interlocutor específico, no caso desse trecho, o interlocutor será o próprio leitor.

O pronome pessoal “ele”, no segmento A, dirige-se para o personagem italiano Cavour, que será a não-pessoa na estrutura da enunciação. Ele (Cavour) representa o não participante do ato da linguagem, tanto que somente é exemplificado o poder da idéia fica com o fato de sua morte. Assim mostra que realmente esse “ele” é apenas aquele que está ausente do enunciado, não participando do ato da língua. Mas não podemos deixar de confirmar com Flores (2008, p. 60) que diz: “a noção de *não-pessoa*, aprofundada pela enumeração de suas características, verifica-se que ela não se restringe à palavra *ele*”. Nessa acepção entendemos que o “ele” poderá estar no interior do enunciado e não ser explicitamente visível. Ainda, Flores (2008, p. 61) afirma que: “é na e pela enunciação que o ‘mundo’ passa a existir. E este mundo é o de quem utiliza a língua, é o *seu* mundo, extensivo a quem a palavra se dirige e relativo a espaço e tempo”. Esses dizeres nos provam que

as ações do mundo acontecem após o enunciado ser diluído, pois dependerá do enunciado para se ter a completude do ato. Ainda, entendemos que as classes gramaticais (pronomes, verbos) fazem com o sujeito se constitua no interior do texto.

Veremos que na próxima análise encontraremos mais comprovações da proximidade entre “eu” e “tu” como pessoa na enunciação.

## 5.2 Segmento B

### Segmento B

(...) “Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília – chamava-se Virgília – entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio ate o meu leito”. (p.22)

Podemos perceber que o narrador desse romance demonstra certo interesse em chamar o interlocutor para dentro da obra, transformando-o como se fosse seu cúmplice ou seu co-participante no decorrer da história, como já evidenciamos nas duas análises anteriores.

Tal recurso não se exclui do próximo segmento de nosso estudo. Iniciamos contextualizando a história, em que é narrado o momento da chegada de Virgília ao quarto de dormir de Brás Cubas, enquanto este esperava o fim de sua vida. Nesse capítulo, Brás Cubas já se apresentava com sua saúde muito debilitada, e de fato, não havia mais nada para se fazer, a não ser aguardar a chegada de sua morte.

Na sequência, mais uma vez o narrador busca a proximidade com o leitor, trazendo-o para perto de si com um diálogo familiar como é a conversação informal. As marcas de sujeito estão posicionadas, como já vimos, entre o “eu” locutor e o “tu” interlocutor. Notamos que nesse estudo a marca de sujeito será sempre apresentada e instaurada pelo narrador, não ocorrendo a

transição entre o locutor e o interlocutor ou vice-versa, apenas o próprio narrador instaura-se como locutor e assim permanece durante toda a narrativa estudada. Conforme Benveniste (1988, p. 288): “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*”. Entendemos que o locutor utiliza esse recurso de apropriar-se da língua e instaurando a marca de pessoa, de sujeito, entre ele e o interlocutor, o qual será sempre o “tu” na narrativa.

Dessa forma, temos o entendimento de que o locutor mantém a postura de cumplicidade pelo interlocutor, isto é, prende o interlocutor como seu co-autor. No seguinte trecho do segmento B temos: “Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, minha teoria das edições humanas”, esse diálogo entre o locutor e o interlocutor, pode demonstrar que além de manter a presença desse interlocutor no enunciado, o narrador cria uma nova expectativa para o leitor, obrigando-o a continuar a leitura da obra para verificar se mais adiante irá realmente expor as teorias antes mencionadas e mais, poderia o interlocutor perguntar-se quais seriam essas teorias humanas comentadas pelo locutor. Entendemos que o interlocutor continuará, por mais tempo, preso à história da narrativa.

No mesmo segmento, encontramos a instauração de sujeito provocada pelo narrador, com o uso do pronome pessoal “eu”, explicitamente e das palavras “minha” e “meu”. Para a instauração de pessoa “tu”, interlocutor, acontece com o uso do elemento “leitor”, também explicitamente, o que queremos dizer que o locutor reconhece como seu interlocutor o próprio leitor da obra, que poderá ser a cada momento um novo interlocutor, mas o locutor será sempre o mesmo, o narrador da história.

Destacamos também no mesmo segmento a instauração da não-pessoa, marcada pelas palavras “Virgília” e “Ihe”. Essa não-pessoa representa na narrativa a pessoa de quem se fala no romance. Para Benveniste a não-pessoa é marcada pelo pronome “ele” ou elementos que venham a substituí-lo como é o caso exemplificado. Sobre não-pessoa, Flores (2008, p. 60-61) esclarece que: “Retomando-se a noção de *não-pessoa*, aprofundada pela enumeração de suas características, verifica-se que ela não se restringe à



palavra *ele*”. Assim, não podemos apenas classificar o uso pronome “ele”, como único representativo para a não-pessoa, já que inúmeros são os elementos que podem retomar esse termo ou a instauração de não-pessoa.

Na sequência, apresentamos o último segmento submetido à análise.

### 5.3 Segmento C

#### Segmento C

(...) “Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos”. (p. 23-24)

Interpretando esse segmento, o narrador comenta que, pelo que ele tem conhecimento, até aquele momento ninguém havia relatado um distúrbio mental. O que deduzimos também ser, de uma forma, inconcebível, pois o significado de delírio como encontramos no Dicionário Aurélio seria um: “distúrbio mental caracterizado por ideias que contradizem a evidência e são inacessíveis à crítica”. Dessa forma, uma pessoa que estivesse delirando não teria a visão clara e plena de seus atos, não poderia demonstrar seus sentimentos. Como astúcia do narrador, este aconselha ao interlocutor que se não se sentir bem em saber o que teria “passado pela sua cabeça”, para avançar às páginas seguintes do livro. Obviamente, qualquer leitor, por menos curioso que fosse, seguiria a sua leitura, mas agora muito mais curioso para tentar encontrar uma justificativa para a existência dessa informação. Entendemos que o locutor, ao alertar o leitor sobre as condições mínimas necessárias para acompanhar a narrativa, explicita sua intenção de prender o leitor à leitura de sua obra.

No segmento C continuamos a encontrar a marca de pessoa instaurada apenas pelo narrador, sendo ele o próprio e o único locutor do diálogo. O que

aconteceria diferentemente em uma conversa pessoal entre dois indivíduos em um determinado tempo e espaço, pois o locutor em um momento poderia passar a ser o interlocutor no momento seguinte, isto é, ocorreria a troca de categorias de pessoas entre o “eu” e o “tu”, constantemente, na enunciação, em um diálogo pessoal, como verificamos em Flores (2008, p. 52): “A noção de pessoa (...) implica constituição recíproca: o ato por meio do qual *eu* se constitui como sujeito constitui *tu*. *Eu* e *tu* são mutuamente constitutivos, *tu* é implícito ao dizer de eu”. Isso demonstra que ao termos a pessoa do “eu” instaurada, presumimos que automaticamente estabelecemos um “tu” na enunciação, já que quando um locutor se enuncia é para um interlocutor estabelecido.

Dessa forma, na obra em estudo, não ocorre a troca da categoria de pessoa (o princípio da alteridade da enunciação), pois o locutor será o único “eu” que fala para um interlocutor, o qual não poderá “responder” para aquele locutor e tornar-se, por sua vez, o “eu”, como é o caso de uma conversação informal em que ocorre essa troca de sujeitos constantemente. No trecho em análise, mais uma vez o locutor utiliza o elemento “leitor”, em sua narrativa, para confirmar a presença da marca de pessoa do “tu”, como o interlocutor de sua enunciação, marcando a presença daquele para quem se fala no enunciado.

Importa destacar que, nesse segmento, encontramos a instauração de sujeito pelo narrador, com o uso dos elementos “me”, “faço”, “eu”, “mo”, “digo” e “minha”. Já a instauração de pessoa “tu” ocorre com o uso dos elementos “leitor”, “vá” e “lhe”. Novamente, o locutor mantém a proximidade com seu interlocutor, o próprio leitor da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que será o mesmo leitor durante toda a narrativa do romance e um novo leitor a cada momento que a obra for lida.

## **6 CONCLUSÃO**

Nesse trabalho, estudamos a teoria da enunciação, conforme Benveniste, para analisar, sob o aspecto da lingüística textual, trechos da obra

“Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis. Devemos esclarecer que tal trabalho originou-se de nossa curiosidade em investigar linhas teóricas aparentemente distintas para propor uma aproximação que permitisse ler, de modo diferente, a obra literária.

Através da análise enunciativa, exploramos a necessidade de reconhecer a marca de pessoa como sujeito na utilização da língua, marca essa, presente no “eu” (locutor), quando se dirige ao “tu” (leitor/interlocutor). Nessa pesquisa tentamos identificar, também, o momento em que o próprio leitor, representado pelo “tu”, enquanto marca de pessoa, passa a ser co-participante da construção dos efeitos de sentido pelo uso das marcas enunciativas nesse texto literário.

Defendemos que toda a leitura dependerá de um desprendimento por parte do leitor. Esse leitor deverá ler um material previamente selecionado por ele, pois assim, estará entusiasmado para esse ato. Também deverá ter um prévio conhecimento de algumas habilidades para a prática da leitura, como estar reconhecido no material, ter um conhecimento de mundo e, principalmente, saber reconhecer e identificar as marcas deixadas pelo narrador, interpretando-as o mais próximo possível com a intencionalidade do autor. No corpus de nosso estudo, percebemos o locutor instaurando o *tu* no discurso, trazendo o interlocutor para dentro da narrativa, promovendo, assim, uma co-participação no romance. Podemos dizer que esse interlocutor pode sentir-se como um protagonista no romance machadiano em questão, já que o locutor representa e expõe esse sentimento de co-autoria para com o leitor explicitamente, como é o caso apresentado nos segmentos estudados.

Em nosso trabalho, preocupamo-nos em reconhecer a marca de pessoa, à luz da Teoria da Enunciação, na visão de Benveniste. Como estudamos, para Benveniste, a noção de pessoa é representada pelos pronomes pessoais “eu” e “tu” e a não-pessoa representada pelo pronome pessoal “ele”. Esses pronomes designando as funções “daquele que fala”, para “aquele a quem se fala” e “daquele que está ausente”.

Lembramos que o ato da enunciação é tido como a própria linguagem colocada em uso e o quadro da enunciação, que é formado pelo “eu-tu-aqui-

agora”, é essencial para a formação do enunciado. A enunciação apresenta-se como “única”, quando o “eu” e o “tu” manifestam-se, assim é um ato estritamente fechado e acabado, pois pertence apenas àquele momento da fala. O ato que está sempre em construção na enunciação é a reversibilidade, isto é, a troca da fala entre os locutores. Com isso, o principal entendimento sobre a enunciação é não ser repetível, o ato da enunciação é único e não se recupera jamais e em nenhum tempo.

Assim, entendemos que esse trabalho possibilitou um olhar diferente, mais aprofundado, sobre a Teoria da Enunciação à luz de Benveniste, aplicada em textos literários e reconhecemos que as classes gramaticais (pronomes, verbos) favorecem ao sujeito para se constituir no interior de um texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Emília et al. *Português: novas palavras: literatura, gramática, redação*. São Paulo: FTD, 2000.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. 2. Ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, 1839-1908. *Memórias Póstumas de Brás Cuba*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros Textuais & Ensino*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.